

DIACRONIA

190 ANOS DO MÉTODO HISTÓRICO-COMPARATIVO

Leonardo Samu (UERJ)
leonsamu@hotmail.com

A lingüística é hoje ciência reconhecida e um tanto prestigiada no mundo acadêmico. Podemos assegurar, entretanto, que esta declaração não procederia em épocas anteriores, sobretudo nos anos antecedentes ao século XIX. Hoje podemos destacar a forte presença de cientistas e investigadores preocupados na compreensão dos estudos lingüísticos, com produções científicas das mais variadas no campo da linguagem. Os métodos utilizados no estudo das línguas alcançaram parâmetros nunca antes conhecidos, o que expressa um amplo e sofisticado modelo investigativo para o conhecimento das línguas. Estes fatos caracterizam a lingüística não mais no âmbito do empirismo, ou mesmo dos estudos das línguas tendo como base ciências outras que não tinham o comprometimento com os fatos da linguagem. Se essa é a realidade vigente, o passado dos estudos lingüísticos não se iguala aos atuais modelos de investigação. Seu passado foi marcado por longos períodos de transformações no pensamento humano a respeito da linguagem. Se hoje nossos métodos de estudo expressam maior credibilidade na execução da pesquisa lingüística, certamente não fora assim no passado. Para chegarmos a nomes tão conhecidos no campo das línguas, tais como Saussure, mundialmente divulgado, e Mattoso Câmara, com maior contextualização no Brasil e em Portugal, passamos por uma série de pesquisadores que, de forma homeopática, auxiliaram com profundas participações ao que hoje denominamos lingüística, termo este já um tanto conhecido no campo das ciências atuais. Tais personagens contribuíram não só com a formação de um pensamento destinado à compreensão da linguagem humana, mas antes na criação de teorias e, com maior destaque, na produção de métodos que facilitassem a investigação e a sistematização das línguas enquanto objeto de estudo.

A história da lingüística apresenta vários fatos pertinentes que colaboraram na instituição e legitimação dessa ciência. Podemos destacar Panini, gramático indiano que, ainda no século IV a.C., investigou o sânscrito na perspectiva fisiológica. Seus estudos, pautados nos sons, visavam à preservação da língua, considerada “divina”. Não podemos esquecer que na Antigüidade a religião e a vida comum estiveram ex-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tremamente interligadas entre si. Isso se reflete também nas concepções científicas, ainda um tanto primárias. Para os indianos, preservar a língua utilizada nas cerimônias religiosas era fator fundamental para a correta segmentação da religião. Nessa perspectiva, era necessária a utilização de um modelo lingüístico mais estável, sem vícios, capaz de expressar o rigor da condução de cerimônias religiosas. O trabalho de Panini esteve centrado na correção dos sons, por julgá-los fundamentais nas preces e adorações às divindades de sua terra. Um simples erro na pronúncia de um vocábulo poderia colocar em risco toda uma prece direcionada a um respectivo deus, invalidando uma complexa seqüência de adoração. Como se vê, a maior preocupação era referente à corrupção da língua, algo sagrado nesse contexto e que exigia um modelo lingüístico sedimentado, regulado e regulamentado, servindo de padrão a toda uma comunidade religiosa. Mesmo em épocas tão distantes de nossa atualidade, a obra de Panini, relevante por seu intenso rigor metodológico, é considerada uma das primeiras gramáticas produzidas no mundo antigo.

Se a Grécia é conhecida em todo o mundo como centro de criação e preservação da cultura humana, não é diferente quanto ao interesse pelos aspectos relacionados à compreensão das línguas humanas. A tradição greco-romana em produzir gramática marcou um intenso período de produção do conhecimento lingüístico na Antigüidade, o que sugere cremos ter o homem vivido, desde tempos antigos, angustiado quanto à compreensão da linguagem. É na Grécia, aliás, que formalmente consideramos a constituição dos estudos lingüísticos voltados à produção de gramática, tendo a filosofia como parâmetro para tais investigações. No ambiente grego, as gramáticas expressavam a necessidade de manutenção de um modelo lingüístico também padronizado, livre dos vícios e das realidades inovadoras típicas da oralidade, algo semelhante às concepções para a obra de Panini.

Até aqui pudemos observar dois grandes momentos decisivos na constituição da história dos estudos lingüísticos, com maior destaque à existência de métodos criados para a investigação das línguas. O século XIX, entretanto, traria maiores e diferenciadas formas no pensamento lingüístico. Durante esse século, em toda a Europa, houve uma tendência abrangente ao analisar as línguas no foco histórico. Havia um interesse visível nas fases históricas componentes de um idioma, sobretudo na busca das origens e das formas lingüísticas anteriores ao estado atu-

DIACRONIA

al. Esse novo ritmo de investigação propiciou uma observação não mais de línguas isoladas, mas antes a comparação de várias línguas à demanda dos traços semelhantes. A investigação das línguas em aspecto comparado fez nascer um método de investigação aplicado um modelo de estudo, método que não poderia deixar de ter seu destaque no meio acadêmico, isso porque a sua existência favoreceu um novo campo e novas concepções para a constituição do pensamento lingüístico atual: o Método histórico-comparativo. Pautado no clima do século XIX, tal modelo de investigação provocou uma série de reflexões e novidades para a ciência da linguagem, gerando, mais futuramente, a constituição de teorias modernas com as quais hoje a lingüística trabalha.

Se o Método histórico-comparativo expressa a visão de mundo do século XIX, certo é afirmar que a sua formação esteve focada em uma série de acontecimentos pausados, reflexo das considerações de pesquisadores, alguns dotados de maior rigor científico e outros com maior acento para o empirismo, sem qualquer pretensão investigativa. A gênese do Método histórico-comparativo se dá ainda no século XVI, mais precisamente entre os anos de 1581 e 1588. Filippo Sassetti, durante sete anos em terras indianas, mais precisamente na cidade de Goa, despertou o acidente com notícias referentes à língua sânscrita. Ao comparar o italiano, sua língua materna, com o sânscrito, pode notar semelhanças no léxico destes idiomas. Tal comparação, prática da natureza humana, buscava encontrar as igualdades visíveis para alguém desprovido de rigor científico, porém dotado de curiosidade e interesse no assunto.

Já no século XVII, em 1606, Roberto de Nobili chega à Índia na condição de missionário, dedicando grande parte de sua estada na investigação do sânscrito e da sua literatura. A Índia, naquele momento, sendo um novo território conhecido pelo ocidente, tão breve se tornou uma fonte de observações e fruto de pesquisa, principalmente por apresentar uma cultura totalmente diversa ao modelo cultural europeu, considerado, até então, representante de alta civilidade e sofisticação. A cultura advinda da Índia soava certo exotismo, o que teria favorecido uma profunda dedicação aos temas provenientes desta terra.

A continuação das investigações foi ganhando forma com o trabalho do jesuíta Henrich Roth que, em 1667, noticiou o alfabeto sânscrito para as sociedades ocidentais. Com apenas estes dois retrospectos históricos, é possível afirmar que o interesse no ocidente pela cultura

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

antiga da Índia solicitava maiores esclarecimentos quanto às novidades forasteiras, tendo um maior acento no século XVIII, porta de entrada para o Romantismo.

Ainda no século XVII, o Cardeal Richelieu, sob o reinado de Luis XIII, funda a Academia Francesa, instituição esta também interessada nos estudos do oriente. Da França sai o Padre Coeurdoux, enviado pelo Abade Barthélemy, à Índia. Àquele coube a publicação de uma pequena gramática e de um dicionário sânscrito para apresentação na famosa Academia. Sua produção, entretanto, não obteve o respaldo e o reconhecimento pelos intelectuais europeus. Com a fundação da Sociedade Asiática de Calcutá, em 1784, houve uma ainda maior preocupação pelos estudos filológicos na perspectiva de interpretar e preservar os textos da literatura indiana. Um grande interessado na cultura e na língua da Índia, Willian Jones, funcionário da Companhia das Índias Orientais, ressaltava a importância do sânscrito junto ao latim e ao grego na compreensão das bases originárias do hoje denominado Indo-europeu. O trabalho do século XVIII continua com a publicação, em Roma, da primeira gramática do sânscrito, produzida e levada a público em 1790 pelo carmelita alemão Johann Philip Wesdin. Ainda nesse século, com todas as influências cativantes das semelhanças encontradas nos idiomas europeu e asiático, Gottfried Wilhelm Leibniz lança a afirmação de que a maioria das línguas dos continentes citados anteriormente era proveniente de uma única língua.

A chegada do século XIX e do pensamento romântico de valorização do passado histórico fez brotar um movimento de resgate à cultura antiga e ao conhecimento das tradições populares. Tal marca romântica esteve impressa nos estudos das línguas antigas, vistas, naquela época, como fontes comuns para a constituição dos idiomas modernos. Ao intelectual romântico coube a demanda pela língua mãe, originária de todas as outras. O sânscrito, enquanto antigo idioma preservado na Índia, poderia fornecer dados relevantes para a história das línguas de tradição européia.

Da Alemanha, berço do Romantismo, chega-nos o poeta Friedrich Schlegel com a publicação, em 1808, de uma obra que aponta o interesse pelo tema nas comunidades intelectuais européias. Contudo, até este momento da história do pensamento linguístico, as comparações entre línguas eram realizadas apenas a partir do léxico, ou ao menos

DIACRONIA

tendo essa modalidade como parâmetro essencial no estudo das línguas. Não podemos esquecer que comparar é atividade humana. A todo instante comparamos pessoas, fatos, objetos etc sem qualquer padrão ou critério científico. Para o homem do século XIX, tal postura não foi diferente. Para tanto, o léxico, modalidade mais externa de uma língua, tornou-se o foco dos estudos lingüísticos e fonte de aplicação das tendências comparatistas reinantes à época.

Nas modas comparatistas do século XIX, encontramos Franz Bopp, também alemão e continuador das idéias de sua época. Em 1816, publica um trabalho dedicado à comparação do sistema de conjugação do latim, grego, persa e germânico em comparação com o do sânscrito. Seu estudo dentro do trabalho comparado foi inovador, pois não utilizou como fonte de pesquisa o léxico, algo que se realizava de forma esporádica, mas antes utilizou fatos da estrutura gramatical, algo mais rígido dentro de um sistema lingüístico. A publicação dessa obra trouxe conseqüências benéficas à investigação das línguas, como, por exemplo, a classificação genealógica, identificando, no passado, as chamadas línguas mães de idiomas modernos. Por exemplo, temos o português que, assim como o francês, o italiano, o romeno e o espanhol, possui um antepassado comum, o latim. Bopp criava naquele momento um sólido método para a investigação histórica das línguas. Seu método consistia na investigação comparativa de línguas aparentemente semelhantes, buscando, nas suas respectivas histórias, bases comuns para a comparação. O foco principal de partida foi a língua escrita, o que caracterizou este método como fundador da ciência filológica moderna.

O desdobramento desse método, denominado histórico-comparativo, favoreceu a sua aplicação em diversas outras famílias de línguas. A partir do lançamento desse modelo de investigação, muitos foram os estudiosos interessados na sua aplicação em outras famílias lingüísticas, dentre as quais as línguas semíticas, as célticas, as germânicas e as eslavas. Na família românica, o método adquiriu maior potencial, tornando-se quase exclusivo a esse campo, visto em tal grupo lingüístico haver uma maior precisão entre o ponto de partida (o latim) e o de chegada (as línguas romanas nas suas formas atuais). O sucesso da aplicação, primordialmente executado por Frederico Diez, também alemão, propiciou a formação da Filologia Românica, tendo como plataforma a publicação da “Gramática das línguas românicas” e o “Dicio-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

nário etimológico das línguas românicas”, obras referenciais no marco da nova era de estudos.

As idéias trazidas pelo método a que nos dedicamos incentivaram muitos estudiosos ao conhecimento mais profundo das línguas. Certamente a semente foi plantada. Coube a outros darem continuidade não diretamente às aplicações do método em si, mas antes criticá-lo, colocá-lo à prova e, com isso, criar novas tendências tão presentes na ciência da linguagem. Em 2006, comemoramos 190 anos do Método Histórico-Comparativo, tão esquecido, mas tão revelador para a continuidade e perpetuação do trabalho de pesquisa da linguagem.

BIBLIOGRAFIA

CÂMARA, Joaquim Mattoso Júnior. *Princípios de lingüística geral*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

ELIA, Sílvio. *Preparação à lingüística românica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979.

IORDAN, Iorgui. *Introdução à lingüística românica*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística românica*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1975.

PERINI, Mário A. *Sofrendo a gramática*. 3ª ed. São Paulo: Ática. 2001.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [s/d.].

VIDOS, Benedek Elemir. *Manual de lingüística românica*. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.